



Homilia

Solenidade da Santíssima Trindade

11 de junho de 2017 – Catedral Metropolitana Nossa Senhora Auxiliadora

Concluído o Tempo Pascal, a Igreja celebra solenemente o mistério central da sua fé: a Santíssima Trindade. Sempre começamos, celebramos e concluímos as nossas liturgias, invocando as três pessoas da Santíssima Trindade, afirmando claramente em nome de quem nos reunimos: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Em seguida, o sacerdote saúda a assembleia, não com um bom dia, boa tarde, boa noite. Saúda em nome de alguém, usando uma expressão de São Paulo na leitura que hoje ouvimos: “A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco!”.

A palavra de Deus que ouvimos oferece-nos uma espécie de radiografia do coração de Deus. Não tanto mostrando sua face que aparece em Jesus, mas fazendo-nos ver o seu coração, pensando em tudo o que Deus fez por nós. E para que não pintássemos um Deus à nossa imagem e semelhança, é o próprio Deus a se manifestar a nós.

“Senhor, Senhor! Deus misericordioso e clemente, paciente, rico em bondade e fiel!”
Com estas características Deus se revela a Moisés. O encontro com este Deus que ama, encorajou a Moisés, o qual, em certa ocasião não teve medo de se entrepor entre o povo e o Senhor, dizendo-lhe: “embora este seja um povo de cabeça dura, perdoa nossas culpas e nossos pecados e acolhe-nos como propriedade sua” (Ex 34,9).

Também o apóstolo nos imerge plenamente no mistério da Trindade e ao mesmo tempo no clima de amor, aquele clima que manifesta quando ele se quer fazer conhecer. Ele fala do que Cristo e o Pai fizeram por nós, porque o Pai é a fonte do nosso resgate, da nossa salvação.

Enfim, o mesmo apóstolo nos faz entender como o Espírito Santo age em nós pela fé recebida no Batismo, e assim nos transforma em nova criatura, em filhos adotivos de Deus, nos insere no corpo que é a Igreja, para nos tornar seu templo com a confirmação.

O amor do Pai tem, pois, um rosto. É o Filho amado. O Filho que o Pai envia para nos salvar. O Filho que dá o amor que o Pai recebe, entregando a vida por nós: “Deus amou tanto o mundo que deu o seu filho unigênito, para que não morra o que nele crer, mas tenha a vida eterna”.

O Pai e o Filho se amam e nos amam. Este amor do Pai e do Filho está em nós. É o Espírito Santo. O seu amor tem o esconderijo em nosso coração. É um Deus que nos habita; que nos envolve; que nos abraça no seu amor e nos faz sentir filhos queridos.

Irmãos e irmãs, quando a pessoa está totalmente absorvida pelo seu mundo, unicamente ocupada com as coisas materiais, preocupada com aquilo que pode fazer, com tudo o que é realizável e que lhe dá sucesso, com tudo o que pode produzir ou compreender por si, então a sua capacidade de ouvir, de sentir, de tocar ou de saborear o amor de Deus, enfraquece-se. Os sentidos dirigidos a Deus, debilitam-se, tornam-se áridos, não se desenvolvem mais. Quando usa apenas e demasiado as sensações instantâneas, então, desvanece-se na pessoa o sentido de Deus, o gosto de Deus, e ele não é mais captado pelos sentidos.

Que devemos fazer, então, para que as pessoas possam saborear e sentir de novo o gosto de Deus? São Paulo nos dá a resposta, na segunda leitura: “Irmãos, alegrai-vos, trabalhai no vosso aperfeiçoamento, encorajai-vos, cultivai a concórdia, vivei em paz”. Eis um bom programa para despertar em nós a alegria de Deus e o nosso amor a ele. Desse modo, sentimos como Deus é bom. Como é bom que ele exista. Como é bom poder conhecê-lo no rosto de Jesus Cristo.

Ao celebrarmos a Eucaristia, estamos imersos neste mistério de amor divino. Com efeito, a Eucaristia é a celebração do amor do Pai na entrega do Filho, pela força do Espírito Santo. Que em nós se fortaleçam e se abram todos os sentidos para Deus! Que tenhamos estampada em nós próprios a imagem do Deus vivo.

Que nosso rosto, iluminado pelo seu amor, seja a prova e a marca, a consciência e a transparência da beleza do amor de Deus. Amém!